

Relembrando o notável Prof. José Sebastião e Silva

Algumas das muitas dívidas para com ele

Carlos Martins Portas

Professor Catedrático Emérito do ISA

1 – Corria o ano lectivo 1953/54 e eu fazia parte daqueles que haviam entrado para o 1º ano do Instituto Superior de Agronomia.

Duas das disciplinas básicas dos cursos de Engenharia Agronómica e Silvicultura eram naturalmente as de Matemáticas Gerais no 1º ano e de Cálculo Infinitesimal no 2º. Mas habitualmente eram também as mais difíceis e as menos amadas pelo comum dos alunos.

É que nós vínhamos para aprender ciências naturais e sobretudo tecnologias aplicadas, além das economias e sociologias. E não percebíamos a importância das matemáticas.

Outra dificuldade ligava-se à mediana preparação nesta área que boa parte de nós trazia do ensino secundário, o que tinha como consequência um elevado número de reprovações ...

Talvez também pelo ambiente referido, no ISA havia a tradição de alguns docentes desta área virem das Faculdades de Ciências: Lisboa e Coimbra, como era também o caso do outro docente da área: o Prof. Renato Pereira Coelho. Ouvíamos contar histórias ligados à curta estadia de alguns deles por difícil adaptação.

Assim no 1º e 2º ano encontrámos o Prof. Cat. José Sebastião e Silva (daqui em diante Prof. Sebastião e Silva), leccionando as teóricas do grupo de Matemática e Cálculo. Visto também não ser do ISA procurámos saber qual o seu percurso, pois pensáramos inicialmente que era professor na outra casa e estava em comissão de serviço; afinal tinha feito o concurso para catedrático do ISA três anos antes da nossa entrada. Receávamos pois que nos quisesse fazer “matemáticos” em demasia.

As surpresas foram grandes e logo começaram: é que a exposição de matérias, mesmo as mais complexas, era de modo claro acessível e sem pressas.

Apesar dele ter a percepção que muitos de nós seguíamos as aulas com reduzida atenção (o que era um facto) as suas “folhas” (sebentas que a nossa Associação de Estudantes editava) eram excelentes, muito claras e compensavam em parte as distrações. Quase tudo acabava por se perceber.

Quanto ao indispensável silêncio nas aulas, ele era bastante exigente; o mesmo se diga em relação ao “copianço” em que era severo mas não do estilo “polícia”. E quanto aos que por vezes faltavam às aulas havia uma certa compreensão.

O relacionamento pessoal com ele era algo formal mas também cordial.

No final das aulas era frequente trocarmos impressões com ele acerca da

matéria; apesar da formalidade vinha ao de cima a sua compreensão e gostava de esclarecer as nossas perguntas, estas revelando por vezes ignorância devido a falta de atenção. Mas ele gostava sempre de explicar, como em geral os bons docentes.

No final dispensar-me-ia do exame final.

2 – Na primeira frequência das Matemáticas Gerais (Dezembro de 1953) o Prof. Sebastião e Silva deu-me nota muito alta; na 2^a frequência foi um pouco menor mas ainda boa.

Quando da última aula, no final chamou-me a sós e a conversa foi para mim tão inesperada como inesquecível: perguntou-me se eu estava interessado em seguir uma carreira académica, trabalhando no aprofundamento das relações entre certas áreas das matemáticas e a agronomia, o orientador desse caminho podendo ser ele ou indicar-me-ia algum.

Muito surpreendido e atónito só consegui perguntar-lhe quando é que tinha de lhe dar uma resposta. Disse-me “quando puder...”.

Referiu-me ainda que dois anos antes tinha feito uma conversa análoga a outro aluno, o Tomaz Moreira (colega dois anos mais velho e já então um bom amigo, aliás com invulgar e muito maior aptidão que eu para as matemáticas) e que ele lhe dissera que estava em Agronomia porque “gostava muito” das biológicas aplicadas. E que se calhar eu iria responder o mesmo...

No ano seguinte o Prof. Botelho da Costa fez-me logo convite para a área dos solos agrícolas, ajudou-me a publicar o primeiro trabalho técnico na revista “Agros”. Referi o facto ao Prof. Sebastião e Silva e ele compreendeu-me

3 – Ao aproximarmo-nos do 3^o ano do Curso de Agronomia ficámos muito

surpreendidos, com tristeza nossa, por verificar que não existia no ISA o ensino da Estatística, essencial para a aplicação e análise do nosso conhecimento. Recordo-me das conversas com o Prof. Sebastião e Silva por parte dos colegas ligados à “Secção de Folhas” da Associação de Estudantes do ISA, Amélia Frazão, Ilídio Moreira, Francisco Mercês de Mello, Fernando Ilharco, por exemplo.

Fomos assim pedir-lhe para nos dar umas aulas de estatística aplicada. Disse-nos logo que era uma matéria delicada: não era a sua área de especialidade e poderia ser considerado intromissão noutra disciplina.

Como era muito bom pedagogo e percebendo as dificuldades – o que nem sempre era usual nestas disciplinas – os colegas do nosso curso convenceram-no a pelo menos escrever umas “folhas” específicas sobre probabilidades vs. estatística. O que fez com grande utilidade nossa.

4 – Há outro lado importante das actividades do Prof. Sebastião e Silva no ISA, o qual só muito tardiamente conheci, nos anos 90.

Com efeito, no início desta década pude consultar as actas do Conselho Escolar do ISA e verifiquei que, no período que ele era nosso catedrático, anos 50/60, o Prof. Sebastião e Silva já discutia a necessidade de aprovar um regimento interno das provas de doutoramento, visto ainda não haver doutoramentos no ISA; ora a legislação há muito rezava que estes deviam ser a regra para subir na carreira docente; e que ele e os membros deste conselho iam sancionando o funcionamento “provisório”...

Com efeito alguns professores levantavam a questão no início de cada ano lectivo, constatando estes que no seu final nada se havia feito (matéria à qual eu estivera muito atento...). Ora as actas revelam que os professores

mais activos na matéria foram José Sebastião e Silva e Francisco Caldeira Cabral (este não era doutor mas tinha pós-graduação na Alemanha e fora o fundador do ensino universitário de arquitectura paisagista em Portugal). A pergunta que faziam era mais ou menos: “para quando o regulamento dos doutoramentos?” (as provas não podiam ser iguais mas sim análogas às de letras, direito ou ciências e economia: senão, como aconteceu aos muito poucos que o tentavam, desistiam a meio das provas, com cc.vv. notáveis). Esse esforço foi compensado: vim a ser o primeiro engenheiro agrónomo que fez estas provas no ISA... e seguiram já bem mais do que uma centena.

5 – Termino este simples mas muito sentido texto, agradecendo o seu extraordinário contributo para a modernização do ensino da matemática a todos os níveis etários e sociais no nosso país. A maioria dos portugueses tem directa ou indirectamente uma grande dívida para com ele pois levou à criação do Grupo de Trabalho do Ensino das Matemáticas Modernas, no Ministério da Educação, o qual chefiaria, e que nesta área revolucionou o ensino secundário. “Deo gracias”.